



Noite de sábado em febre com a estreia de 'Werther Effect'

Festival. O LEFFEST apresentou em estreia nova criação de João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira, a partir de um texto de Goethe. Ao filme juntou-se uma noite temática no Lux

FLÁVIO GONÇALVES

Assistíamos à febre de sábado à noite no Lisbon & Estoril Film Festival – e no cinema Monumental parecia não existir quem não aguardasse com curiosidade a entrada naquela que era a estreia da nova criação da dupla de artistas João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira. “Isto é cinema”, determinou Rui Pedro Tendinga, ali na qualidade de membro do comité de seleção do festival, assim apresentando na secção CinemArt um fôlego que evidencia: o cinema é muito mais do que a sua própria linguagem.

Eis *Werther Effect*, verdadeiro cruzamento das possibilidades dos cruzamentos entre as artes visuais (das quais irradiam as artes plásticas e o cinema) que, ultrapassando este assunto formal, é na verdade um confronto com o suicídio e o absurdo e uma espécie de virar de costas à inevitabilidade da morte.

O espírito de não conformação e de revolta concentra-se em torno de um grupo “demasiado velho para morrer jovem” de duas raparigas (Mariana Sampaio e Mariana Tengner Barros) e dois rapazes (Alexander David e John Romão) que se movimentam pelo filme cobertos pela sombra dos pressupostos d’*Os Sofrimentos do Jovem Werther*. Da obra e de Goethe os portugueses trabalharam à luz da *Teoria das Cores* (1810), onde apresenta um vislumbre sobre a natureza das cores e da sua relação com o homem e a arte, e ainda a ligação do alemão com a cidade de Weimar (onde Walter Gropius viria a fundar a escola Bauhaus passado um século). Para, no fim, resultar numa experiência sensorial aliada ao efeito de Werther: designação li-



Werther Effect é um verdadeiro cruzamento entre as artes visuais

gada ao suicídio coletivo e nascida da onda de suicídios que emulavam o próprio gesto do protagonista do livro.

Werther Effect, aliás, abre com este gesto derradeiro de imitação (protagonizado por Vítor D. Rosário) para depois se repartir em três naquilo que os realizadores chamam de várias “topologias de cinema”.

A estrutura, querendo remeter para o *ballet* triádico de Oscar Schlemmer que difunde o espírito da Bauhaus, completa a dimensão experimental do filme que, com esta liberdade, potencia os modos de nos confrontarmos

com aquilo que Camus entendeu como o “único problema filosófico verdadeiramente sério” (o suicídio).

A liberdade esteve também presente no momento da criação – o filme escreveu-se sobretudo na rotação de três dias, onde o grupo de atores ajudou a completar, pelo movimento, o ponto de vista dos realizadores. Está imanente um interesse pelas accidentalidades do corpo e da dança, de tal modo que é através deles (e não apenas do discurso em *off*) que se tocam os nervos do filme (a loucura do amor, a busca incessante do “pró-

ximo orgasmo” e a vida como valor político), de onde brota o espectro de sentimentos que caminha entre o temor e a paródia. *Werther Effect* repesca géneros e referências da linha da história do cinema (de Buñuel a Pasolini) em tom de provocação – deixando o aviso, antes da derradeira *performance* (a de Violeta Lisboa), de que “ainda há muita merda para fazer”.

Foi ainda “sob o efeito” de *Werther Effect* que o Lux Frágil viveu na noite de sábado – recriou-se o ambiente utópico e de delírio através de momentos preenchidos por *performances* (lideradas pelo grupo Silly Season), projeções visuais, concertos e muitas luzes.

**Lisbon
Estoril¹³**
Film Festival